

FHC e Lula na África sob as perspectivas diplomática e econômica*

FHC and Lula in Africa involving diplomatic and economic perspectives

Wallace Ferreira¹

Resumo

Este artigo examina um período recente da política externa brasileira (PEB), abrangendo os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) nas suas relações internacionais com a África. Com o apoio de dados de pesquisa, mostramos que há uma mudança de rumo na política para a África de um período ao outro. Nossa análise está ancorada em duas dimensões de política externa: as iniciativas diplomáticas; e as relações econômicas, que envolvem o comércio exterior e os investimentos das empresas nacionais no continente africano. No governo FHC a África teve pouca prioridade, ao contrário da gestão Lula da Silva, quando verificamos expressivo desenvolvimento em todas as dimensões consideradas.

Palavras-chave: Política externa para a África. De FHC à Lula. Relações diplomáticas. Relações econômicas.

Abstract

This paper examines a period of Brazilian Foreign Policy (BFP), including the governments of Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) and Luiz Inacio Lula da Silva (2003-2010) in their relations with Africa. We show, with the support of research data, that there are an setting the course in the foreign policy of Brazil for Africa from one time to another. Our analysis is anchored in two dimensions of foreign policy: The diplomatic initiatives; and economic relations, involving the foreign trade and investments by domestic enterprises in Africa. In the comparative analysis between Cardoso and Lula administrations, the Africa has had low priority during FHC government, unlike Lula da Silva administration, when we see significant development in all dimensions considered.

Keywords: Foreign policy for Africa. FHC to Lula. Diplomatic relations. Economic relations.

* Recebido em: 12/04/2016.

Aprovado em: 10/05/2016.

¹ Atualmente Professor de Sociologia na SEEDUC/RJ e no CEL/RJ e Pesquisador na área de Política Externa Brasileira; Doutor em Sociologia pelo IESP/UERJ, com pesquisa sobre a Política Externa Brasileira para a África, tendo sido bolsista CAPES; Mestre em Sociologia pelo IUPERJ, tendo sido bolsista do CNPq; Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UERJ; Ex-Professor do CAP-UERJ (2014-2015), do Colégio Pedro II (2011 e 2012) e da Faculdade de Ciências Sociais da UERJ (2009 a 2010 e de 2014 a 2015). *E-mail:* walaceuerj@yahoo.com.br.

1 Introdução

Este trabalho investiga as diferenças entre a política externa dos Presidentes Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) do ponto de vista de duas perspectivas com relação à África. A primeira são as iniciativas diplomáticas, considerando mudanças relevantes no quadro das embaixadas, além das viagens presidenciais e dos Ministros das Relações Exteriores. A segunda se refere a evolução econômica, que se divide em duas vertentes: 1) Do perfil do intercâmbio comercial, o que dependeu, por um lado, das aproximações entre os dois lados do Atlântico, e por outro, da variação geopolítica dos anos 90 e 2000; e 2) Dos investimentos brasileiros, envolvendo a internacionalização de grandes empresas, abrangendo, inclusive, a redefinição do papel do BNDES no desenvolvimento do capitalismo nacional.

Entendemos que a alteração de rumo da PEB para a África é resultado direto da evolução da estrutura político-econômica interna, passando inclusive pelas matrizes econômicas adotadas (neoliberalismo e neodesenvolvimentismo), além das distintas agendas diplomáticas dos principais atores envolvidos em cada governo.

2 As iniciativas diplomáticas

Segundo a lógica de seletividade de parceiras africanas ao longo do governo Fernando Henrique Cardoso, que indicava pouca atenção à grande parte do continente, optou-se pelo fechamento dos postos diplomáticos em Adis Abeba (Etiópia), Dar es Salam (Tanzânia), Iauendê (Camarões), Kinshasa (República Democrática do Congo), Lomé (Togo) e Lusaca (Zâmbia), fato que acabou limitando a capacidade da política externa em alavancar ações de caráter político e econômico no continente vizinho (RIBEIRO, 2010). Essa decisão foi reflexo do projeto neoliberal na política externa da sua gestão. Como conclui Mendonça Júnior (2013):

A diminuição da participação do Estado na economia, componente estratégico do projeto político implementado no período, relegou a África ao restrito investimento privado no que toca ao fomento e à prospecção de investimentos no continente, principalmente no setor de construção civil. Essa condição reduziu drasticamente o volume de recursos transacionados, sendo que os esforços foram concentrados na regionalização Platina e nas trocas com os países desenvolvidos (MENDONÇA JÚNIOR, 2013, p. 06).

Por outro lado, durante os oito anos do governo Lula foram abertas ou reativadas 18 embaixadas no total, numa perspectiva completamente inversa ao período anterior. Vejamos abaixo:

Mapa 1 - Embaixadas brasileiras oficialmente abertas ou reativas na África (2003-2010)



Fonte: JORGE, 2011, p. 04.

(*) Os trabalhos para a abertura da embaixada no Malauí começaram em 2010, mas a nova sede só foi instalada em definitivo em 2013. Daí sua marcação não aparecer no mapa.

Em 2011, um ano após a saída de Lula do governo, o mapa de embaixadas brasileiras na África ficou bastante preenchido, destacando que na Nigéria e na África do Sul também existe um Consulado-Geral. O Brasil passou a ter embaixadas em 37 dos 55 países africanos ao final do governo Lula, 38 em 2013, quantidade inferior apenas aos Estados Unidos (com 49 missões), a China (48) e a França (46), empatando com a Rússia. Além disso, estava à frente de outros dois países emergentes que têm buscado estreitar as relações com nações africanas: a Índia, com 27 missões, e a Turquia, que, ao instalar 20 das suas 31 embaixadas na África entre 2007-2011, somou-se ao grupo de nações que cortejam o continente (FELLET, 2011).

Em contrapartida às embaixadas brasileiras reativadas e abertas na África, foram instaladas 17 novas embaixadas de nações africanas em Brasília. Olhemos o mapa:

Mapa 2 - Embaixadas de países africanos abertas em Brasília (2003-2011)



Fonte: JORGE, 2011, p. 06.

Desse modo, a maioria dos Estados africanos passou a ter embaixadas no Brasil, 33 mais exatamente.

Além das embaixadas, as viagens internacionais de Chefes de Estado e de Governo representam outro importante indicador do quanto o país visitado aparece na esfera de interesses da política externa do país visitante. Nesse sentido, a tabela abaixo mostra o grande diferencial das relações Brasil-África do governo Lula em relação ao seu antecessor, comparando, inclusive, com viagens desde o governo Figueiredo.

Quadro 1 - Países africanos visitados por Presidentes brasileiros (1979-2010)

Presidente	Período	Países africanos visitados	Total
João Figueiredo	1979-1985	Nigéria, Senegal, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Argélia	5
José Sarney	1985-1990	Angola	1
Fernando Collor	1990-1992	Angola, Zimbábue, Moçambique e Namíbia	4
Itamar Franco	1992-1995	Não houve	0
FHC	1995-2002	Angola, África do Sul e Moçambique	3
Lula da Silva	2003-2010	São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, África do Sul, Namíbia, Egito, Líbia, Gabão, Cabo Verde, Camarões, Nigéria, Gana, Guiné-Bissau, Senegal, Argélia, Benim, Botsuana, Marrocos, Congo, Guiné Equatorial, Quênia, Tanzânia e Zâmbia	23

Fonte: Adaptado de MENDONÇA JÚNIOR, 2013, p. 98.

Diante dessa comparação, vemos que a única escolha nova do governo Cardoso em relação às viagens já feitas pelos presidentes anteriores, foi a África do Sul, uma das economias mais pujantes da África e que estava afastada de Brasília até os primeiros anos da década de 90 por conta do *apartheid*. Por outro lado, Lula foi o presidente que efetivamente incorporou novos países africanos nas relações político-diplomáticas brasileiras, corroborando antigos vínculos e estabelecendo vários outros.

Contextualizemos, agora, as viagens para a África numa perspectiva comparativa com outras viagens, reforçando a prioridade dada à África em cada governo.

Quadro 2 - Países visitados pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso

Número de visitas	Países visitados
09	Argentina
08	Estados Unidos
07	Chile
06	Bolívia, Uruguai e Portugal
05	Paraguai, Venezuela, Alemanha e Reino Unido
04	Espanha
03	Colômbia e Peru
02	Equador, Canadá, México, República Dominicana, Vaticano, França e Itália
01	África do Sul, Angola, Bélgica, China, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Guiana Francesa, Índia, Japão, Macau, Malásia, Moçambique, Países Baixos, Panamá, Rússia e Ucrânia

Fonte: Elaboração própria a partir de: Biblioteca da Presidência da República. In: VIAGENS DO PRESIDENTE FHC. Visitado em: 24 fev. 2015.

Num total de 104 viagens do presidente Fernando Henrique, os dados reforçam a atenção da sua administração à América do Sul (46), Estados Unidos (08), e a alguns países europeus (30). Ou seja, para além da região sul-americana, a prioridade quase sempre foi direcionada às áreas desenvolvidas economicamente, com poucas viagens aos países em desenvolvimento, visto a descrença em ganhos reais a partir dessas relações.

Por sua vez, a incidência de visitas à África por Lula ultrapassa em muito a administração antecedente.

Tabela 1 - Resumo Estatístico das viagens do Presidente Lula – África e outras regiões

Região	Visitas por destino (anos) – Não repete visita a um país no mesmo ano									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
ÁFRICA	0	7*	2	5	4	3	1	2	6	30*
Multilaterais	0	9	7	7	6	14	13	21	11	88
Am. do Sul	2	7	6	10	5	8	9	7	8	62
Am. Central	0	1	2	1	0	4	5	3	3	19
Am. do Norte	2	2	1	0	0	2	0	2	0	9
Europa	0	6	1	5	2	6	8	10	1	39
Ásia	0	0	2	2	0	1	3	2	1	11
O. Médio	0	5	0	0	0	0	0	1	4	10**
Antártida	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Total	4	35	21	30	17	38	40	48	34	267

Fonte: Adaptado de VISITAS INTERNACIONAIS DE LULA, 2011, p. 08.

Obs.1: As visitas do ano de 2002 foram realizadas na condição de Presidente-eleito.

(*) As 30 viagens à África descritas acima consideram as visitas à Líbia e ao Egito, realizadas em 2003, e que na fonte original desta tabela foi calculada como “visitas ao Oriente Médio”. Fizemos a opção por incluí-las nesse quadro, já que se tratam de países localizados na África do Norte.

(**) Nesse caso não fizemos alteração à fonte oficial. Se, no entanto, tirarmos as visitas à Líbia e ao Egito do ano de 2003 ficariam 8 viagens à essa região.

Em números totais de visitas verificamos que a África só não recebeu mais atenção que os países da América do Sul - significativa prioridade da PEB desde o governo FHC, apesar de ter tido um aprofundamento das relações no governo petista - e da Europa, tradicional parceira. Além disso, observamos como a diplomacia do presidente Lula, do ponto de vista das viagens presidenciais, foi muito mais intensa do que o governo FHC em todas as regiões e não apenas na África, com destaque para a diversificação das relações brasileiras com todas as regiões do globo, salientando a importância dada aos países em desenvolvimento, com os quais o Brasil passou a desenvolver várias agendas em comum.

Do ponto de vista das viagens dos Ministros das Relações Exteriores a diferença entre os períodos FHC e Lula é enorme. Enquanto o chanceler Celso Amorim visitou 31 nações do continente, em 67 visitas, Luiz Felipe Lampreia e Celso Lafer não fizeram nenhuma visita oficial. Relembrando o início de sua gestão à frente do Itamaraty, e confirmando a importância que via nas relações com a África:

O primeiro périplo diplomático importante que fiz foi à África. [...] Fui a sete países em sequência. Começando por Moçambique, indo para Zimbábue - lugar que não era considerado muito bom frequentar, mas que fiz questão de ir -, Namíbia, África do Sul, Angola, São Tomé e Príncipe (primeira visita de um ministro brasileiro, não somente das Relações Exteriores, mas de qualquer pasta) e Gana. Pude perceber algo que expressei à época e que repito hoje: a África tem sede de Brasil. Por que? [...] O Brasil é visto, talvez por ser um país em desenvolvimento, que enfrenta desafios semelhantes aos deles e tem conseguido superá-los, como um paradigma que os países africanos gostariam de seguir, ou cuja experiência gostariam de emular. Penso que o presidente Lula, que sempre teve ligação, aqui no Brasil, com os movimentos negros, tinha plena consciência disso (AMORIM, 2011, p. 481).

O recebimento de lideranças africanas também foi imensamente desproporcional entre as duas gestões. Lula recebeu 28 Chefes de Estado ou Governo da África, num total de 48 visitas; ao passo que Cardoso recebeu apenas 8 lideranças africanas, em 10 visitas. Por fim, o Brasil recebeu 67 visitas de chanceleres de países africanos na gestão Lula, enquanto a administração FHC recebeu apenas 5 (FERREIRA, 2015).

3 Evolução econômica nas relações Brasil e África

Durante o governo Lula, observou-se um crescimento substancial das relações econômicas entre o Brasil e a África: não só o comércio aumentou como também a atuação das empresas brasileiras foi mais intensa. Em que pese a importância do contexto econômico mundial, com o aumento do peso dos países emergentes durante boa parte da década passada, o fortalecimento das relações econômicas esteve também relacionado à política externa adotada pela gestão Lula da Silva, que buscou privilegiar as relações com os países em desenvolvimento, dentre os quais as nações africanas.

3.1 O perfil comercial

Até 2005, mais de 50% das vendas brasileiras eram destinadas aos países desenvolvidos. A partir de então, essa tendência foi se revertendo em favor dos países emergentes e em desenvolvimento, que, em 2012, representava 59% do total das exportações nacionais. Pelo lado das compras brasileiras, as estatísticas também sinalizam expansão da aquisição de bens provenientes dos países emergentes e em desenvolvimento, que representavam aproximadamente 51% do total em 2012, contra 35% no final da gestão FHC (BRASIL, 2012).

A partir dos anos 2000 a economia africana apresentou um crescimento considerável, assim como o PIB de outros países e regiões em desenvolvimento, comparando com a década de 90. A exceção é a China, que já apresentava altas taxas do seu Produto Interno Bruto. Essa diferença conjuntural expressa um importante argumento acerca da atração que o continente africano passou a exercer sobre uma série de nações em desenvolvimento, dentre elas o Brasil, e que a política externa de Lula procurou tirar proveito.

As exportações totais do continente africano cresceram em torno de cinco vezes no período, aumentando

consideravelmente a sua participação nas exportações mundiais. Esse crescimento pode ser atribuído, em boa medida, ao aumento nos preços das *commodities* minerais², que beneficiou fortemente os países exportadores de petróleo, já que a África concentra cerca de 12% da produção mundial desse mineral, e à demanda crescente dos países emergentes.

Somado a isso, como explicam Rodrigues e Caputo (2014), vários países africanos viveram no início da década passada uma relativa melhora na solvência externa, tendo sido importante para a queda da dívida externa os perdões de dívidas bilaterais e multilaterais por parte de vários credores, inclusive com o governo Lula determinado o perdão de várias dívidas de países africanos. Segundo Moura (2013)³, foram perdoadas, entre 2003 e 2010, dívidas de três países: Moçambique (US\$ 315,1 milhões – o que equivalia a 95% da dívida do país com o Brasil, e cujas negociações começaram com o governo Fernando Henrique, em 2000), Nigéria (US\$ 84,7 milhões) e Cabo Verde (US\$ 1,2 milhões). O argumento do governo brasileiro consistia em tirar o peso da dívida desses países, ajudando-os a se reerguerem economicamente, além de aproximar-se bilateralmente. Conjuntamente ao crescimento econômico, muitos países africanos estabilizaram seu cenário político e aprimoraram suas instituições permitindo-lhes absorver melhor a renda derivada da exploração de seus recursos minerais.

O intercâmbio comercial brasileiro com a África, de FHC à Lula reflete essa mudança de atratividade do continente africano. Vejamos os dados:

Tabela 2 - Intercâmbio comercial Brasil-África (Bilhões US\$ FOB) – Fonte MDIC – Período FHC

Ano	EXPORTAÇÃO			IMPORTAÇÃO		
	US\$ F.O.B.	Var. %	Part. %	US\$ F.O.B.	Var. %	Part. %
1995	1,59	17,54	3,41	1,2	10,13	2,36
1996	1,53	-3,71	3,2	1,7	43,18	3,17
1997	1,52	-0,46	2,87	2,0	18,03	3,34
1998	1,65	8,52	3,23	1,8	-8,83	3,15
1999	1,34	-19,06	2,78	2,2	22,25	4,51
2000	1,35	0,78	2,44	2,9	30,72	5,21
2001	1,99	47,64	3,42	3,3	14,58	5,99
2002	2,36	18,8	3,91	2,7	-19,67	5,66

Fonte: RIBEIRO, 2010, p. 66.

Obs: Os dados excluem os países africanos do Oriente Médio.

² O petróleo teve uma subida de preço considerável a partir de 2003. Os preços dos minerais não combustíveis, como cobre, que tem 51% da produção mundial no continente, também se elevaram rapidamente a partir daquele ano, ajudando nas exportações africanas (RODRIGUES; CAPUTO, 2014).

³ O governo Lula também perdoou a dívida do Suriname, país da América do Sul, no valor de US\$ 35,7 milhões.

A despeito do crescente volume das importações (que, entre o primeiro e o segundo mandato de FHC, saltaram, respectivamente, de cerca de 2,3% em 1995 para 5,6% em 2002), o comércio exterior entre Brasil e África não trouxe muitos ganhos ao país do ponto de vista das exportações.

Por sua vez, observemos o salto do comércio exterior com a África ocorrido no governo Lula:

Tabela 3 - Intercâmbio comercial Brasil-África (Milhões US\$ FOB) – Fonte MDIC – Período Lula

BRASIL-ÁFRICA	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011 (até maio)
Intercâmbio	3.008	6.333	10.431	12.638	15.366	19.924	25.930	17.157	20.544	5.901
Exportações	2.343	2.862	4.047	5.981	7.455	8.578	10.169	8.692	9.261	2.554
Importações	2.675	3.291	6.134	6.616	8.110	11.346	15.760	8.465	11.303	3.247
Saldo	-312	-429	-1.035	-675	-654	-2.768	-5.591	226	-2.041	-693

Fonte: JORGE, 2011, p. 16.

Vemos que o aumento do comércio foi bastante expressivo, principalmente até 2008, quando a crise financeira tornou-se uma crise econômica mundial. O intercâmbio comercial saltou de aproximadamente US\$ 5 bilhões de dólares no final do governo FHC para ultrapassar os US\$ 20 bilhões ao final do governo Lula, ressaltando que o ápice foi em 2008, quando os números chegaram a quase 26 bilhões de dólares⁴.

As exportações brasileiras para a África concentram-se de forma bastante equilibrada nas regiões Ocidental, Norte e Sul do continente, a se considerar a média do triênio 2007-2009. A participação das duas outras regiões, a Oriental e a Central, é muito pequena, embora tenha crescido substancialmente entre esse triênio e o que envolve a média entre 2000 e 2002, dando conta, portanto, de uma comparação entre os anos finais do governo Lula e os anos finais do governo FHC, respectivamente.

Segundo Costa e Veiga (2011), entre 2007 e 2009 a região Norte respondia por 32,4% das exportações brasileiras para o continente africano, a Região Sul por 31,2% e a Ocidental por 29,2%. Comparando com o fim da gestão FHC, entre 2000 e 2002, mais

⁴ De acordo com estudo *South-South Cooperation: Africa and the New Forms of Development Partnership* (UNCTAD, 2010), o Brasil era o 11º. Parceiro da África no final do governo Lula. Considerando somente os países em desenvolvimento, o Brasil estava atrás apenas da China e da Índia, nações que possuem laços políticos, diplomáticos e econômicos mais antigos com a África.

um vez, as regiões Ocidental, Norte e Sul eram as três principais regiões de destino das exportações bilaterais do Brasil. Contudo, naquele triênio, a participação da região Norte era ainda maior, alcançando 38,4% do total, distanciando-se um pouco das outras duas regiões (Ocidental, com 28,5% e Sul, com 26,6%). Essa relativa mudança das regiões reflete as investidas da política externa de Lula na diversificação de parceiros em novas áreas do continente, além da estabilidade de Angola, na região Sul.

Embora haja alterações nas posições de vários países quando comparamos os rankings 2000-2002 e 2008-2010, nove dos dez países no ranking do segundo triênio (tabela abaixo) encontravam-se também no do primeiro, revelando uma certa estabilidade na concentração espacial das exportações brasileiras entre esses períodos, a despeito da já mencionada alteração no peso das regiões na participação total das exportações brasileiras no governo Lula.

Tabela 4 - Principais países de destino das exportações brasileiras para a África (2008-2010)

Países	média 2008/2010	
	US\$ milhões	% total
Egito	1.607	17,2
África do Sul	1.442	15,4
Angola	1.418	15,2
Nigéria	1.155	12,4
Argélia	728	7,8
Marrocos	584	6,3
Líbia	345	3,7
Gana	298	3,2
Tunísia	192	2,1
Senegal	148	1,6
Total	9.338	100,0

Fonte original: Wits/Comtrade.

Fonte consultada: COSTA; VEIGA, 2011, p. 10.

Por sua vez, uma análise dos dados do total exportado pelo Brasil para o continente africano, por fator agregado, demonstra a predominância nos produtos manufaturados ao longo do período Lula, índice que já ultrapassava 60% da pauta desde o ano de 2002, alcançando quase 70% no ano de 2007, mas que apresentou queda nos anos de 2009 e 2010, haja vista o crescimento da venda de produtos básicos à África.

Vejamos a tabela que mostra as especificidades das exportações, segundo capítulos da NCM⁵:

Tabela 5 - Exportações do Brasil para a África por capítulos da NCM
Valores médios nos triênios 2000/02 e 2008/10 (em US\$ milhões)

Capítulos	Descrição	2000/02		2008/10		variação %
		Valor	% total	Valor	% total	
17	Açúcares e produtos de confeitaria	574	30,2	2.471	26,4	330,4
2	Carnes e miudezas comestíveis	92	4,8	1.145	12,2	1.148,3
87	Veículos automóveis, tratores e ciclos; partes e acessórios	187	9,8	900	9,6	381,7
84	Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	124	6,5	547	5,8	340,6
26	Minérios, escórias e cinzas	129	6,8	525	5,6	308,0
27	Combustíveis, óleos e ceras, minerais	98	5,2	425	4,5	334,4
10	Cereais	28	1,5	409	4,4	1.341,0
15	Gorduras, óleos e ceras, animais e vegetais	105	5,5	256	2,7	143,1
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes	26	1,4	236	2,5	808,0
72	Ferro fundido, ferro e aço	31	1,6	189	2,0	516,6

Fonte original: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MIDIC.

Fonte consultada: COSTA; VEIGA, 2011, p. 12.

Do ponto de vista dos bens exportados, na média 2008-2010, havia uma concentração de bens como açúcar e produtos de confeitaria (26,4%), carnes (12,2%) e automóveis, suas peças e acessórios (9,6%), chamando atenção, portanto, na pauta de exportação para a África, a presença de produtos manufaturados de origem agropecuária.

Conforme Costa e Veiga (2011), cerca de 45% dos produtos manufaturados exportados pelo Brasil à África destinaram-se à Região Sul do continente, entre 2008 e 2010. A região Norte, por sua vez, foi a mais importan-

te em termos de destino para os produtos básicos e semimanufaturados, absorvendo, respectivamente, 62% e 70% do total das vendas brasileiras para o continente. Na comparação entre 2000-2002 e 2008-2010, a alta nas exportações de produtos básicos foi a que mais se destacou, com variação de 613%, seguida de uma alta de 516% nas exportações de semimanufaturados e de 311% de manufaturados.

Assim como no caso das exportações, as regiões Norte, Ocidental e Sul se destacam em termos de importações. Contudo, o principal parceiro do Brasil nesse caso é a região Ocidental, fornecedora de derivados de petróleo, principalmente Nigéria e Angola. A área Ocidental respondia, na média entre em 2008 e 2010, por 47% das

⁵ Nomenclatura do MERCOSUL.

importações brasileiras, representação bastante superior à das regiões Norte (35%) e Sul (14,7%). Estas três partes do continente respondiam, juntas, por 97% das compras no referido triênio. Segundo Costa e Veiga (2011), entre 2008 e 2010, a participação das três regiões não se diferenciaram muito das observadas na média 2000-2002, embora o peso da região Norte no total das compras brasileiras fosse ainda maior (49,7%) e a da região Sul fosse menor (11,7%) do que no triênio do final do governo Lula. Como também ocorre pelo lado das exportações brasileiras, as regiões Central e Oriental têm participação quase marginal nas importações (3% na média entre 2008 e 2010).

No ranking dos principais países africanos de origem das importações brasileiras, entre 2008 e 2010, a Nigéria se destaca tanto pela importância de sua participação (49% do total) quanto pela distância que a separa dos demais. Dos cinco principais países, quatro são essencialmente exportadores de petróleo. Vejamos na tabela:

Tabela 6 - Principais países de origem das importações brasileiras provenientes da África (2008-2010)

Países	média 2008/2010	
	US\$ milhões	
Nigéria	5.795	48,9
Argélia	2.080	17,6
Angola	960	8,1
Líbia	779	6,6
Marrocos	716	6,0
África do Sul	653	5,5
Guiné Equatorial	379	3,2
Egito	158	1,3
Tunísia	149	1,3
Costa do Marfim	79	0,7
Total	11.841	100,0

Fonte original: Wits/Comtrade.

Fonte consultada: COSTA; VEIGA, 2011, p. 10.

Destaca-se que entre 2008 e 2010 aparecem, entre os dez primeiros do ranking, dois exportadores de petróleo (Líbia e Guiné Equatorial) que não se encontravam entre os dez primeiros entre 2000 e 2002, saindo da lista outros dois também exportadores de petróleo - Gabão e República do Congo -, expressando a atenção do governo Lula àqueles países, a despeito da crítica da mídia nacional por tratarem-se de ditaduras⁶.

Do ponto de vista das importações brasileiras da África, continuam Costa e Veiga (2011), do total comer-

cializado na média do triênio 2008-2010, de US\$ 11,8 bilhões, 75,2% foram de produtos básicos. Os demais se concentravam em bens manufaturados, responsáveis por 23,2% do total. Desagregadas por categorias de uso, por capítulos da NCM, as importações se concentraram basicamente em combustíveis, com 85,4% na média de 2008-2010, enquanto essa categoria respondeu por 36% do total importado do mundo. Revela, portanto, a importância dessa importação africana na pauta brasileira. Vejamos a tabela:

Tabela 7 - Importações do Brasil provenientes da África - Valores médios nos triênios 2000/02 e 2008/10 (em US\$ milhões)

Capítulos	Descrição	2000/02		2008/10		variação %
		Valor	% total	Valor	% total	
27	Combustíveis, óleos e ceras, minerais	2.529	85,1	10.110	85,4	299,7
31	Adubos e fertilizantes	70	2,4	590	5,0	745,6
28	Produtos químicos inorgânicos	49	1,6	179	1,5	267,2
25	Saiz, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	35	1,2	165	1,4	368,1
72	Ferro fundido, ferro e aço	25	0,8	136	1,2	448,1
84	Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	6	0,2	89	0,7	1.334,2
18	Cacau e suas preparações	25	0,8	81	0,7	227,0
29	Produtos químicos orgânicos	23	0,8	78	0,7	243,1
71	Pirólitas, pedras preciosas ou semipreciosas; metais preciosos e suas obras	42	1,4	70	0,6	85,0
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes	6	0,2	43	0,4	643,4

Fonte original: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MIDIC.

Fonte consultada: COSTA; VEIGA, 2011, p. 17.

3.2 A internacionalização de empresas brasileiras na África

Historicamente, a internacionalização é mais frequente entre empresas de países desenvolvidos, já que possuem maior capacidade financeira para os investimentos estrangeiros, além de mais desenvolvidos tecnologicamente. Contudo, com a evolução das relações comerciais, principalmente com o avanço da globalização e a abertura dos mercados, e as consequências que isso implicou em nível de concorrência e de exigência por parte dos consumidores, as empresas de países em desenvolvimento passaram a buscar, cada vez mais, os mercados externos (ROSA, 2006).

Segundo Garcia (2009), a internacionalização de empresas brasileiras conta ainda com o apoio de políticas públicas por parte do Estado:

Entre as principais políticas públicas estão uma legislação flexível e estável, que apoie a expansão, a participação maior do Brasil em acordos comerciais e bilaterais com EUA, Europa e outros países do Sul (inclusive aproveitando o acesso a mercados de países que já tem acordo com os grandes mercados), e uma política de crédito afirmativa. Assim, temos dois pilares importantes da ligação entre Estado e empresas: a política externa e a política de crédito. Primeiro, as empresas têm diversas formas de financiamento à sua internacionalização. Mas foi principalmente a partir de 2003, com a nova linha de crédito especial do banco brasileiro de desenvolvimento BNDES, que as empresas

⁶ No caso da Líbia, a revolução de 2011 culminou na morte do então chefe de Estado Muammar al-Gaddafi. Até hoje o país líbio vive uma crise política. Já a aproximação com Guiné Equatorial rendeu, inclusive, a entrada deste país na CPLP.

encontraram financiamento governamental específico para sua expansão. [...] Segundo, a atuação das transnacionais brasileiras está estreitamente ligada ao novo papel que o Brasil tem buscado ter no sistema internacional (GARCIA, 2009, p. 14).

Apesar de pequena no cômputo geral, a presença de transnacionais brasileiras na África cresceu no período Lula⁷. Nesse sentido, vemos que as visitas do Presidente, grande parte delas acompanhadas de comitivas empresariais, e o estreitamento diplomático com uma série de países que não somente os de língua portuguesa, alcançaram resultado na instalação ou na ampliação dos negócios empresariais no continente. A base para instalação de empresas, a partir das visitas induzidas pela representação presidencial, segue uma lógica parecida com a ampliação do comércio.

Como salienta Vieitas e Aboim (2012), várias empresas têm conseguido desenvolver bases de negócios na África, nos mais variados setores. Contudo, dadas as dificuldades institucionais e logísticas de concretização de negócios em alguns países, o investimento direto brasileiro no continente ainda é bastante concentrado em empresas de grande porte. Mais recentemente, projetos desenvolvidos por essas empresas têm atraído também um segmento de firmas de menor porte, oriundas das respectivas cadeias de fornecedores.

Mensurando a mudança do período FHC ao governo Lula, em 2001, o Brasil investiu US\$ 69 bilhões na África. Em 2009, este número havia chegado a US\$ 214 bilhões. A princípio, as empresas brasileiras concentravam seus esforços na África lusófona, Angola e Moçambique em particular, capitalizando a afinidade linguística e cultural para fincar suas raízes (BRAZIL IN AFRICA, 2012). A partir do governo Lula, elas foram se espalhando por várias partes do continente, seguindo a lógica de dispersão desenvolvida pela nova diplomacia.

Dada a presença de grandes empresas brasileiras no continente, elaboramos um resumo da atuação das principais multinacionais. O foco central foi identificar a atuação delas desde o início e, logicamente, perpassando o período temporal 1995-2010, a despeito de algumas re-

ferências a período posterior. Uma breve análise segue ao fim da abordagem principal.

Quadro 3 - Atuações de empresas brasileiras na África

1) PETROBRÁS (petróleo e gás)

- Presente tanto na exploração de petróleo, por intermédio da sua controlada Petrobras Internacional Braspetro B.V. (PIBBV), quanto em biocombustíveis. **Em 2010 estava em seis países (Angola, Nigéria, Líbia, Tanzânia, Moçambique e Namíbia).**

- A Petrobrás **começou sua atuação na África ainda no período militar (Especificamente em Angola, em 1979). Ingressou na Nigéria durante o governo FHC**, mesmo com o cenário político interno ditatorial, **mas expandiu-se na África durante o período Lula.** Nessa fase, aproveitou-se do novo desenvolvimentismo empreendido pelo governo petista assim como o contexto mais favorável da África nos anos 2000, principalmente no setor de petróleo.

- Ao final do governo Lula, a Petrobras passou a atuar também no **Gabão em 2011.** Em 2013, a Petrobras e o banco BTG Pactual anunciaram a formação de uma *joint venture*, com 50% para cada lado, para a exploração e produção de óleo e gás na África. Com isso, a estatal poderá ampliar a atuação na região sem tantos gastos, já que dividirá os custos com o banco.

2) VALE (mineração)

- **Desde 2004 na África**, está presente em **oito países: Guiné-Conacri, Libéria, Angola, República Democrática do Congo, Zâmbia, Malauí, Moçambique e África do Sul.**

- O ativo mais importante da empresa no continente é a mina de carvão de Moatize, em **Moçambique. Começou neste país em 2004.** A mina começou a produzir plenamente em junho de 2011.

- A Vale foi privatizada no governo FHC, alterando a estrutura da empresa. Ao se fortalecer como mineradora, engajou-se, nos anos 2000, num ambicioso processo de internacionalização por várias partes do globo, dentre elas por países africanos. Ressalta-se, no entanto, que a internacionalização da Vale do Rio Doce é antiga, remontando as décadas de 60 e 70. Começou com as exportações, como porta de entrada no estrangeiro, sendo seguida de filiais comerciais, montagem de subsidiárias, bases produtivas e, recentemente, de aquisições de concorrentes no mesmo setor de atuação.

- **Em 2012** passou a atuar também no **Gabão**, na exploração mineral. Portanto, foi a partir do governo Lula que a empresa ingressou na África e se expandiu, graças

⁷ Segundo pesquisa da Fundação Dom Cabral, a África concentrava, em 2011, 9,6% das transnacionais brasileiras, enquanto a América do Sul 30,9%, a Europa 21,1%, a Ásia 16,8%, a América do Norte 12,6%, a América Central 7,4%, e a Oceania apenas 1,7%. Ver: FUNDAÇÃO DOM CABRAL, 2011, p. 15.

à política de inserção brasileira no continente, como da capacidade da multinacional em ingressar nos mercados internacionais com espaço para sua atuação.

3) ANDRADE GUTIERREZ (construção civil)

- Presente em **9 países: Angola, Argélia, Camarões, Guiné-Conacri, Guiné Equatorial, Líbia, Mauritânia, Moçambique e República do Congo (também chamada de Congo-Brazzaville).**

- Teve duas fases de inserção na África: a primeira nos anos oitenta, aproveitando a *expertise* desenvolvida no Brasil, e a existência de financiamento para realizar projetos no exterior (**entrando em Camarões, em 1988**); a segunda nos anos 2000, atraída pelo crescimento africano e as necessidades de investimento geradas pela demanda de produtos minerais do continente (**passo inicial dado ao entrar em Angola, em 2005**).

4) CAMARGO CORREA (construção civil)

- Presente desde 2005, quando inaugurou escritório comercial em Angola. Em 2006 passou a atuar em Moçambique. Após 2011 a empreiteira passou a desenvolver ações também na África do Sul, Cabo Verde e Egito.

5) ODEBRECHT (construção civil)

- Entrada na África em 1982, quando, por negociações entre Brasil-URSS, delinearam investimentos dos dois países no território angolano. Além disso, a Odebrecht foi uma das poucas empresas que se manteve no país nos piores momentos da guerra civil.

- Entre 1995 e 1996, a construtora participou da recuperação da Rodovia Inchope-Machipanda, em Moçambique, retornando ao país em 2005, quando ficou responsável pela construção, para a Vale, da infraestrutura do projeto da mina de carvão a céu aberto, em Moatize, na Província de Tete.

- Até o período Lula as ações da Odebrecht na África eram relativamente esporádicas, com uma ação na década de 80 e outra durante a gestão FHC, em Moçambique, além da presença sem grandes ações em Angola durante a guerra. A diversificação de atividades ocorreu efetivamente no período Lula, especialmente na sua parte final, e após a entrada de Dilma Rousseff, contando inclusive com apoio do BNDES, expressão da política neodesenvolvimentista levada a frente pela administração petista. Desde 2010 passou a atuar em Angola, Líbia, Guiné-Conacri, Gana, África do Sul, Botsuana, Congo, Djibuti, Gabão e Libéria.

6) MARCOPOLO (indústria automotiva)

- Atua em diversos países africanos e **exporta para o continente desde 1987**. Entretanto, foi **somente a partir de 2000 que a empresa passou a investir diretamente na região**, instalando primeiro uma fábrica na África do Sul e, posteriormente, em 2008, no Egito. Os investimentos nos dois países foram orientados por motivações distintas, mas nos dois casos, a empresa procura não apenas atender os mercados domésticos, mas exportar a partir das plantas ali instaladas.

7) OUTRAS GRANDES EMPRESAS

- ENGEVIX (construção civil)

- Presente na África desde 2005 com a criação da Engevix Angola. Também passou a atuar na Libéria e na Namíbia.

- QUEIROZ GALVÃO (construção civil)

- Desde 2005 a empresa atua no mercado imobiliário, construção e reabilitação de estradas, além de manter um estaleiro e um escritório administrativo em Angola.

- GALVÃO ENGENHARIA (construção civil)

- Atua no continente africano buscando a prospecção de negócios através de sucursal em Moçambique (Maputo), instalada em 2009. Na África, o foco da empresa está concentrado na prestação de serviços nas áreas de saneamento, energia e infraestrutura de transportes (rodoviária, aeroviária, portuária e ferroviária).

- ASPERBRAS (comércio, tecnologia e industrialização)

- O grupo possui forte presença na África desde 2004, em Angola e no Congo-Brazzaville.

- STEFANINI (tecnologia da informação): atua desde 2004, em Angola, no segmento de TI. Em 2012 abriu uma operação na África do Sul.

- Estas empresas são exemplo de atuação somente a partir do governo Lula.

Fontes: VIEITAS e ABOIM (2012); IGLESIAS e COSTA (2011); ASPERBRAS CONGO (2011); COSTA (2011); MOURÃO, CARDOSO e OLIVEIRA (2006).

Além das grandes multinacionais⁸, também chama atenção a expansão das franquias brasileiras em solo africano. Segundo a Associação Brasileira de Franchising (ABF), em 2010, havia 27 marcas brasileiras operando na

⁸ Destacamos que, com os efeitos da Operação Lava Jato, muitas das construtoras brasileiras devem ter sua atuação internacional fragilizada.

África, com 38 unidades ao todo, com ampla previsão de crescimento. A associação apontava 17 marcas em Angola, 3 na África do Sul, e 2 marcas no Egito. Outros países com franquias brasileiras eram Moçambique, Nigéria e Cabo Verde. Ou seja, prioritariamente países de língua portuguesa, já que o idioma em comum facilita esse tipo de empreendimento, além de fortes economias africanas onde o Brasil já possuía uma série de outros investimentos, como África do Sul, Egito e Nigéria (FONSECA, 2010).

3.2.1 O papel do BNDES no apoio de empreendimentos na África

Durante o governo Cardoso o BNDES foi gestor do programa de privatizações federais e assessor da maioria das privatizações estaduais, também tendo destinado uma parcela substancial dos seus recursos para ajudar a vender as estatais ou viabilizar os investimentos das empresas privatizadas. Os setores siderúrgico, químico/petroquímico, aeronáutico, de telecomunicações e de energia elétrica, marcados pelas privatizações durante a década de 90, receberam de 1995 até abril de 2002 o montante de R\$ 50,3 bilhões em financiamentos, equivalentes a quase 40% dos R\$ 127,5 bilhões que o banco financiou no período (SANTOS, 2002).

Por outro lado, o governo Lula atuou no sentido de resgatar o papel do Estado por meio da defesa de grupos nacionais, destacando-se os setores de mineração e siderurgia, etanol, papel e celulose, petróleo e gás, hidroelétrico e agropecuária, que receberam juntos quase a totalidade do meio trilhão de reais desembolsado pelo BNDES nesse período (TAUTZ et al., 2011). Residia aí uma estratégia deliberada do Estado sob a gestão Lula, de retomar sua capacidade de indução, garantindo a inserção competitiva do país no contexto de globalização. Dessa maneira, o BNDES retoma seu viés desenvolvimentista (sob a lógica do novo desenvolvimentismo) e passa a ter papel fundamental na política industrial e exterior da administração Lula, interrompendo o processo do governo anterior que parecia levar ao dismantelamento dos bancos públicos ou sua transformação em bancos de segunda linha.

Com a correção de rumo das funções do BNDES, o banco passou a atuar de modo agressivo na internacionalização de empresas destes

setores, particularmente na América do Sul e na África. O engajamento no processo de internacionalização pelo qual passou o BNDES durante o governo Lula envolveu, a partir de 2003, uma linha de crédito específica para internacionalização das empresas brasileiras. Como explica Garcia (2011), para tal o banco alterou seu estatuto (no final do governo FHC, em outubro de 2002) e passou a apoiar empresas de capital brasileiro com projetos no exterior, desde que estas contribuíssem para o desenvolvimento social e econômico do país, além de resultar no estímulo à exportação de produtos domésticos.

Do ponto de vista específico da África, as linhas de financiamento do BNDES – Exim somente começaram a ser utilizadas nas exportações para o continente a partir de 2007, na sequência da assinatura dos Protocolos de Entendimentos entre Brasil e Angola, que estabeleceram linha de crédito total de US\$ 1,75 bilhão para a exportação de bens e serviços brasileiros destinados à projetos naquele país. Segundo o BNDES, entre 2007 e 2010, Angola absorveu 97% dos financiamentos do banco às exportações de bens e serviços brasileiros para a África, no valor total de US\$ 1,6 bilhão. Os 3% restantes distribuíram-se entre África do Sul e Guiné Equatorial. Os serviços de engenharia, como obras rodoviárias, de saneamento, de geração e transmissão de energia elétrica e de infraestrutura de transporte aéreo receberam a quase totalidade dos financiamentos de exportações destinados à Angola no período, de modo que ônibus e caminhões dominam o uso de recursos do BNDES nas exportações para os outros dois países.

Abaixo, tabela que mostra os dados desses investimentos:

Tabela 8 - Financiamento das exportações brasileiras para a África: desembolsos do BNDES-Exim por países de destino e produtos (2007 a 2010) – em US\$ mil

	em US\$ mil			
	2007	2008	2009	2010
Angola				
Obras de infraestrutura rodoviária	105.309	348.189	408.694	23.570
Obras de saneamento e abastecimento	6.164	158.479	169.302	41.565
Obras de infraestrutura de transporte aéreo	-	-	37.775	34.336
Bens e serviços para implantação de centro de formação tecnológica	17.953	15.457	290	-
Máquinas e equipamentos diversos	3.779	17.365	8.447	-
Obras para geração e transmissão de energia elétrica	16.657	-	141.732	48.642
Total	148.952	539.490	766.238	148.113
* janeiro a maio				
África do Sul				
Ônibus e caminhões	-	-	-	34.843
Total	-	-	-	34.843
* janeiro a maio				
Guiné Equatorial				
Ônibus e caminhões	-	5.706	-	1.450
Máquinas e equipamentos diversos	-	3.057	-	918
Total	-	8.763	-	2.377
* janeiro a maio				

Fonte original: BNDES. Fonte consultada: COSTA; VEIGA, 2011, p. 20.

Além desses financiamentos, segundo o Itamaraty, o BNDES também aportou investimentos em Gana e Moçambique.

Em Gana houve, em 2010, a aprovação de financiamento do banco para construção, pelas empresas Odebrecht e Andrade Gutierrez, do Corredor Rodoviário Oriental de Gana, obra orçada em mais de US\$ 200 milhões. Já em Moçambique, em 2009 foi aprovado financiamento de US\$ 80 milhões pelo Comitê de Financiamento e Garantia das Exportações (COFIG) e pela Câmara de Comércio Exterior (CA-MEX) para ser utilizado no projeto do Aeroporto de Nacala. Por fim, ainda neste país lusófono, em 2010 houve a aprovação de crédito para realização de Estudo de Viabilidade Técnica e Ambiental para o projeto da barragem de Moamba Major. O valor aprovado, no montante de US\$ 8,5 milhões, corresponde a 85% do valor do estudo, a ser realizado pela construtora Andrade Gutierrez.

Até 2013 o valor desembolsado pelo BNDES chegou a US\$ 2,9 bilhões para operações na África (BNDES, 2013). Ademais, em dezembro de 2013, o BNDES abriu uma representação em Johannesburgo, na África do Sul, cujo escritório permitirá ao banco concentrar esforços para a efetivação de parcerias e investimentos em todo o continente africano (BNDES, 2015).

4 Considerações finais

Com base nos dados expostos, consideramos que tanto o crescimento das relações comerciais como dos investimentos brasileiros no continente africano, comparando o governo Lula ao período Cardoso, estão diretamente relacionados a três fatores: 1) ao papel dos atores políticos e diplomáticos, e suas ações, como as viagens internacionais e a abertura de embaixadas; 2) as restrições e as oportunidades do contexto internacional, especialmente a situação político-econômica da África, que modificou-se significativamente durante a gestão Lula, tornando-se mais atraente aos investimentos externos; 3) a conjuntura doméstica brasileira, de maneira que a matriz neodesenvolvimentista estimulou a atuação de empresas nacionais no exterior, valendo-se de importante apoio do BNDES, e também considerando as missões empresariais organizadas e favorecidas pelo estreitamento diplomático com as nações africanas.

Referências

AMORIM, Celso. *Conversas com jovens diplomatas*. São Paulo: Benvirá, 2011.

ARAÚJO, José Prata. *Crescimento PIB Brasil (em relação à média mundial): entre 1994/2002: 67,60% X entre 2003/2013, 93,10%*. 2014. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/fpadefato/?p=242>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

ASPERBRAS CONGO. *Departamento Central de Recursos Humanos*. 2011. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pub/asperbras-congo/86/a74/a79>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO. *Atuação internacional BNDES*. 2015. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/O_BNDES/A_Empresa/internacional.html>. Acesso em: 18 mar. 2015.

BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO. *BNDES inaugura escritório de representação na África*. 06 dez. 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2013/Todas/20131206_africa.html>. Acesso em: 18 mar. 2015.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos (DPR); Divisão de Inteligência Comercial (DIC). *Comércio Exterior*. 2012. Disponível em: <<http://www.brasilexport.gov.br/sites/default/files/publicacoes/indicadoresEconomicos/ComExtBrasileiroMAI2012.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. *Balanço de Política Externa (2003-2010)*. 2015. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/andreeiras/BalancoPolExt2003-2010.zip?attredirects=0&d=1#sthash.Ei2gdrBU.dpuf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. *Visitas internacionais de Lula: relatório de visitas internacionais do Presidente Lula e visitas ao Brasil de Chefes de Estado e de Chefes de Governo - 2003 a 2010*. 2011. Disponível em: <<http://kitplone.itamaraty.gov.br/temas/balanco-de-politica-externa-2003-2010/visitas-internacionais-do-presidente-lula-e-visitas-ao-brasil-de-chefes-de-estado-e-de-chefes-de-governo-2003-a-2010>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

BRASIL. Presidência da República. *Viagens do presidente FHC*. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/viagens>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

BRAZIL in Africa: a new Atlantic alliance Brazilian companies are heading for Africa, laden with capital and expertise. 2012. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/21566019-brazilian-companies-are-heading-africa-laden-capital-and-expertise-new-atlantic-alliance>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

COSTA, Armando Dalla. La Vale dans Le nouveau contexte d'internationalization des entreprises brésiliennes. *Revista Entreprises et Histoire*, Paris, n. 54, p. 86-106, abril, 2009.

COSTA, Katarina Pereira da; VEIGA, Pedro da Motta. O Brasil frente à emergência da África: comércio e política comercial. *Textos Cindes*, Rio de Janeiro, n. 24, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.cebri.org/midia/documentos/brasilafricaestudon1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

FELLET, João. *Brasil tem 5ª maior presença diplomática na África*. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/10/111017_diplomacia_africa_br_jf.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2015.

FONSECA, Danielle. *África é o novo oásis do atacado e de franquias*. 2010. Disponível em: <<http://www.guiagphr.com.br/dicasDetalhe.asp?iid=1570>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL. *Ranking das transnacionais brasileiras 2011: crescimento e gestão sustentável no exterior*. (Relatório de Pesquisa). 2011. Disponível em: <<http://www.fdc.org.br/professorespesquisa/publicacoes/Paginas/publicacao-detalhe.aspx?publicacao=18171>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

GARCIA, Ana Saggiore. *BNDES e a expansão internacional de empresas com sede no Brasil*. 2011. Disponível em: <<http://www.plataformabndes.org.br/site/index.php/biblioteca/category/11-analises-do-de-senvolvimento?download=45:bndes-e-a-expansao-internacional-de-empresascom-sede-no-brasil>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

GARCIA, Ana Saggiore. *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário*. São Paulo: Expressão Popular. 2009. Disponível em: <[http://www.rls.org.br/sites/default/files/\(9\)%20Transnacionais%20-%20miolo%20baixa%20resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.rls.org.br/sites/default/files/(9)%20Transnacionais%20-%20miolo%20baixa%20resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2015.

IGLESIAS, Roberto Magno; COSTA, Katarina. O investimento direto brasileiro na África. *Textos Cindes*, Rio de Janeiro, n. 27, dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.iadb.org/intal/intalcdi/pe/2012/09905.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

JORGE, Nedilson. A África na agenda econômica do

Brasil: comércio e investimentos. In: SEMINÁRIO ÁFRICA NA AGENDA ECONÔMICA DO BRASIL. CEBRI. 22 nov. 2011. *Anais...* Disponível em: <<http://www.cebri.org/midia/documentos/nedilsonjorge.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MENDONÇA JÚNIOR, Wilson. *Política externa e cooperação técnica: as relações do Brasil com a África durante os anos FHC e Lula da Silva*. Belo Horizonte: D'Plácido, 2013.

MOURA, Rafael Moraes. Perdão às dívidas de países africanos soma US\$ 717 mi. *O Estado de São Paulo (ESTADÃO)*. Brasília. 21 jul. 2013. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral/perdao-as-dividas-de-paises-africanos-soma-us-717-mi-imp-,1055694>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque; CARDOSO, Fernando Jorge; OLIVEIRA, Henrique Altemani de. As relações Brasil-África de 1990 a 2005. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; LESSA, Antônio Carlos (Orgs.). *Relações internacionais do Brasil: temas e agendas*. São Paulo: Saraiva, 2006.

NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL. *Como exportar*. Disponível em: <http://www.aprendendoaexportar.gov.br/maquinas/como_exp/ident_produto/ncm.asp>. Acesso em: 16 ago. 2015.

RIBEIRO, Cláudio Oliveira. Adjustment changes: a política africana do Brasil no pós-guerra fria. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 35, p. 55-79, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n35/v18n35a05.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

RODRIGUES, Denise Andrade; CAPUTO, Ana Cláudia. O projeto de integração da África: aspectos físicos, comerciais, financeiros e de investimento. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 99-146, jun. 2014. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2598/1/RB%2041%20O%20projeto%20de%20integracao%20da%20Africa_P.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ROSA, Patrícia Rodrigues da. *Internacionalização da empresa Marcopolo S.A.: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://iic.wiki.fgv.br/file/view/000551116.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

SANTOS, Chico. BNDES empresta mais, apoia privatização e capital estrangeiro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 dez. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1912200210.htm#_=_>. Acesso em: 18 mar. 2015.

TAUTZ, Carlos et al. *O BNDES e a reorganização do capitalismo brasileiro: um debate necessário*. 2011. Disponível em: <<http://www.ibase.br/bndes/o-bndes-e-a-reorganizacao-do-capitalismo-brasileiro-um-debate-necessario/>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. *Economic development in Africa: South-South cooperation: Africa and the new forms of development partnerships*. 2010. Disponível em: <http://unctad.org/en/Docs/tdb57d2_en.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2015.

VIEITAS, Deborah; ABOIM, Isabel. África: oportunidades para empresas brasileiras. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*. p. 20-33, 2012. Disponível em: <http://www.bcgbrasil.com.br/Imprensa/Documents/Africa%20-%20oportunidades%20para%20empresas%20brasileiras%20_Revista%20Brasileira%20de%20Comercio%20Exterior.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.